

DAVID CAMP E LAWRENCE LEVI

Tradução de Ana Markl

LISBOA:
TINTA-DA-CHINA
MMIX

© 2009, Edições tinta-da-china, Lda.
Rua João de Freitas Branco, 35A
1500-627 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30
E-mail: info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

© 2006, David Kamp
Título original: *The Film Snob's Dictionary*
Autores: David Kamp e Lawrence Levi
Tradução e adaptação: ??? ????
Revisão: Tinta-da-china
Composição: Vera Tavares

1.ª edição: Abril de 2009

ISBN 978-972-8955-56-4
Depósito Legal n.º 274499/08

ÍNDICE

Agradecimentos
Nota Introdutória dos Autores

DICIONÁRIO DO CINÉFILO SNOB

arte. Basicamente, narra uma história passada nos anos 30 sobre a relação entre uma empregada de um bordel e o marido das sua patroa, legitimando o desejo secreto que o Snob nutre pela pornografia ao permitir-lhe assistir a cenas de coito descontraidamente, sob pretexto de estar a empreender um «estudo sobre o desejo». Nos Estados Unidos, como em Portugal, o filme recebeu o título mais requintado de *O Império dos Sentidos*, em vez da tradução literal *Tourada de Amor*.

AIP. Sigla para American International Pictures, uma verdadeira fábrica de filmes fundada em 1954 e uma das primeiras instituições aclamadas como responsável pela produção de Kitsch Relevante. Em 1979, já a AIP era objecto de uma adúladora retrospectiva no Museu de Arte Moderna. O âmbito da AIP, descaradamente atrelado aos caprichos inconstantes dos adolescentes, oscilava entre os *westerns* (*Apache Woman*, de ROGER CORMAN), o terror teenager (*I Was a Teenage Werewolf*), as adaptações de Poe protagonizadas por Vincent Price (*A Queda da Casa de Usber*, *O Fosso e o Pêndulo*) e os filmes de surfistas de Annete [Funi-

cello] e Frankie [Avalon] – apesar de, nos seus últimos anos, a produtora ter desviado as atenções para o entretenimento GRINDHOUSE (com o filme *Black Mama, White Mama*, protagonizado por PAM GRIER). «*O Ashton Kutcher é de uma beleza estúpida, típica dos jovens protagonistas dos velhos filmes da AIP.*»

ALDRICH, ROBERT (1918-1983). Realizador de barba rija que, apesar do seu CV muito macho (*O Beijo Fatal*, *Doze Indomáveis Patifes*, *Golpe Baixo*), goza de um insólito estatuto divino junto dos Snobs amaneirados, graças aos filmes *O Que Teria Acontecido a Baby Jane* (1962) e *Com a Maldade na Alma* (1965), dois melodramas de terror hipermacabros, protagonizados por Bette Davis, que originaram todo um movimento de filmes em que as velhas refugiadas do sistema de Hollywood surgiram como figuras grotescas. «*Adoro a dança e as piruetas lunáticas da Bette com o cone de gelado no final do Baby Jane – é Aldrich puro, demente.*»

ALMENDROS, NÉSTOR (1930-92). Director de fotografia espanhol, muito artístico e venerado pelos Snobs devido ao purismo com que respeitava a luz natural; trabalhou com os

franceses da NOUVELLE VAGUE (ERIC ROHMER, François Truffaut) e com os dissidentes americanos (MONTE HELLMAN, Martin Scorsese); e ficou famoso por ter conferido uma «hora dourada»¹ ao filme *Dias do Paraíso*, de TERRENCE MALICK, capaz de disfarçar as falhas da narrativa. «*Por muito que admire o trabalho de Conrad Hall em A Sangue Frio, não consigo deixar de pensar que Néstor Almendros teria feito melhor.*»

ALTERING EYE, THE. Livro publicado pela primeira vez em 1983, imprescindível a todo o Cinéfilo Snob, que oferece uma análise pertinente e austera dos movimentos modernistas no cinema europeu e sul-americano a partir do NEO-REALISMO ITALIANO. O livro, outrora presença obrigatória nas mochilas, foi agora publicado integralmente na internet pelo autor, Robert Kolker, professor de cinema no Instituto de Tecnologia da Geórgia.

ANGER, KENNETH. Actor infantil, de nome verdadeiro Kenneth Anglemyer, nascido e criado em

Hollywood, que acabou por se tornar autor de filmes *trash*. Enfeitado pelo elegante ocultista inglês Aleister Crowley, o então jovem adulto Anger começou a fazer curtas-metragens homoeróticas e criptofascistas como *Fireworks* (1947) e *Scorpio Rising* (1964). Esta última é um exemplo clássico do género «motoqueiro-gay» e é também precursora das obras de Martin Scorsese e de Quentin Tarantino no que se refere à justaposição entre a *pop* de *jukebox* e a ultraviolência. Ainda assim, Anger é mais conhecido como autor de *Hollywood Babylon*, um bombástico compêndio que reúne os boatos mais escabrosos de Hollywood, publicado em 1960.

ANIME. Termo genérico para a animação japonesa ou à japonesa, área de conhecimento que os Snobs consideram essencial à compreensão do futuro do cinema (sim, da nossa cultura!) no sentido em que, tal como os filmes xungas de artes marciais, também este género irá inspirar cineastas visionários com algum valor. Isto apesar de o anime se focar em animais felpudos de espécies não especificadas e humanóides infantilizados com enormes olhos redondos. Tratando-se tanto de um géne-

¹ Termo utilizado em fotografia para designar um efeito de luz apenas captado num certo momento durante a primeira e a última hora de sol. (N. da t.)

ro como de uma subcultura social, o anime assume várias formas, incluindo a de inspiração para *merchandise* (*Pókemon*), a de lirismo infantil (os filmes de Hayao Miyazaki) ou a de pornografia explícita (o subgênero de nome *bentai*, em que os humanoides infantilizados têm enormes seios, à R. Crumb¹, a combinar com os seus enormes olhos redondos). O anime estabeleceu uma frente de batalha americana chamada Manga Entertainment (sendo que *manga* é o termo japonês para banda desenhada), distribuidora de filmes de culto como *Ghost in the Shell* e *Blood: O Último Vampiro*.

ANTI-HERÓI. Termo utilizado pelos críticos de cinema por empréstimo dos estudos de literatura comparada, que adquiriu pleno sentido no final dos anos 60 e 70 quando a geração de *EASY RIDERS*, *RAGING BULLS* ganhou asas e os filmes começaram a girar em torno de protagonistas moralmente comprometidos, geralmente baixos e de etnia diferente – como o Travis Bickle de Robert De Niro em *Taxi Driver*, o Serpico de Al Pacino no filme com o mesmo nome ou o Rato Rizzo de

Dustin Hoffman em *O Cowboy da Meia-Noite*. «*Vincent Gallo comporta-se como uma verdadeira encarnação dos anti-heróis de Scorsese.*»

ANTONIONI, MICHELANGELO (1912-2007). Realizador de cinema de autor que, apesar da idade, foi considerado um cúmplice italiano da NOUVELLE VAGUE devido à sua trilogia dos anos 60 - *A Aventura*, *A Noite* e *O Eclipse* - na qual fintou com audácia as convenções narrativas. O entusiasmo dos críticos pelas suas MEDITAÇÕES SOBRE a «alienação» e o «desapego» em *Blow-Up* (o seu primeiro filme em língua inglesa, de 1966) valeu a Antonioni um pedestal dourado no panteão Snob – tudo graças ao seu anti-herói fotógrafo da Swinging London que inspirou *Austin Powers*, às brincadeiras sexuais dessa personagem com bonitas raparigas, à música dos Yardbirds, à intriga não resolvida em redor de um possível homicídio e às cenas de abertura e do final – em que Antonioni, na sua demanda por uma maior profundidade, acabou por abrir portas a um inexplicável bando de imitadores. *Blow-Up* é considerado uma obra de arte em alguns círculos Snobs, porque estabelece alegorias acerca

¹ Ilustrador satírico americano, criador da infame personagem Fritz, the Cat. (N. da t.)

da natureza ilusória da vida moderna. No entanto, para outros, Antonioni é um embuste (PAULINE KAEEL escreveu que veteranos do cinema, como Ben Hecht, tinham feito comédias satíricas sobre personagens vaidosas e gananciosas «que, além de dizerem o mesmo ou até mais que os filmes de Antonioni, ainda por cima eram divertidas»). Depois de *Blow-Up*, Antonioni assinou mais dois exemplos notáveis de Snobeira em língua inglesa: *Zabriskie Point* (1970), obra revolucionária nascida do activismo dos anos 60, e *Profissão: Repórter* (1975), o filme mais artístico em que Jack Nicholson já participou.

APARATO. Termo divertidamente obtuso e rebuscado, utilizado numa perspectiva semiótica do estudo do cinema, referindo-se tanto à câmara como ao «sistema de significados cinematográficos». É obstinadamente usado por semiólogos que receiam ser perfurados por um agulhão eléctrico caso deixem escapar por entre os lábios as palavras *câmara* ou *narrativa*. «Tendo em conta o seu intenso voyeurismo e violência implícita, o filme *Peeping Tom*, de Michael Powell, faz bom uso do aparato para denotar o olhar masculino.»

ARGENTO, ASIA. Actriz italiana tatuada e muito sensual, incapaz de se manter vestida, que, talvez por ser filha de DARIO ARGENTO, tem conseguido posicionar-se como cineasta alternativa e vítima da arte, em vez de mera gótica *soft-core*. Asia realizou e protagonizou filmes sexualmente brutais como *Scarlet Diva* (2000) e *The Heart is Deceitful Above All Things* (2004). Mas também pôs um pé no *mainstream*, ao aparecer em *XXX Missão Radical* (2002) ao lado de Vin Diesel, suscitando por isso grande exaltação Snob.

ARGENTO, DARIO. Mestre do terror italiano que abandonou o seu respeitável passado de argumentista (foi co-autor, com Sergio Leone, de *Aconteceu no Oeste*) para popularizar um género sangrento, conhecido em Itália como *Giallo*, cujos filmes – incluindo os de HERSCHELL GORDON LEWIS – são indispensáveis aos Snobs do Gore. O seu clássico oficial para Snobs é *Suspíria* (1977).

ART OF THE MOVING PICTURE, THE. Livro quase impenetrável mas com relevância histórica, escrito por Vachel Lindsay, um poeta de

Illinois, e publicado originalmente em 1915. Foi aclamado pelos Snobs como sendo a primeira avaliação crítica do cinema enquanto genuína forma de arte. Apesar de ser visionária no modo como antevê a influência cultural do cinema («Edison é o novo Gutenberg. Ele inventou a nova imprensa»), a prosa antiquada deste livro (os filmes são «fotonovelas artísticas») faz com que seja de difícil leitura até para o mais obstinado dos Snobs, mesmo na edição da Modern Library com introdução de STANLEY KAUFFMANN.

ASHBY, HAL. No grupo de autores EASY RIDERS, RAGING BULLS, foi um vencido de alto gabarito. Tinha barba, fumava charros e revelou-se tardiamente. Mas era um génio e – queixam-se os Snobs – nunca teve acesso ao patamar de Coppola, Scorsese, Lucas, Altman, Friedkin e BOGDANOVICH, entre outros. Trabalhou durante muito tempo na montagem dos filmes do realizador Norman Jewison e só começou a ser alvo de atenção no segundo filme, *Ensina-me a Viver* (1971), com o jovem BUD CORT no papel de um ANTI-HERÓI imprevisível, estranhamente parecido com o próprio Ashby, que

se apaixona por uma idosa. Daí para a frente, Ashby nunca mais parou, realizando *O Último Dever*, *Shampoo*, *Caminho da Glória*, *O Regresso dos Heróis* e *Bem-Vindo Mr. Chance*, e assumindo-se como um «director de actores» – um termo que, tal como o equivalente desportivo «treinador de jogadores», sugere um dom confuso, entre a amabilidade e uma disciplina errática. Cada vez mais dependente das drogas, Ashby espalhou-se ao comprido nos anos 80, ao realizar filmes de qualidade inferior como *Lookin' To Get Out* e *A Mulher do Ídolo*, enquanto lutava ansiosamente para concluir todos os seus projectos antes de sucumbir a um cancro, em 1988. Só uma década depois é que os Revivalistas Snobs começariam a defendê-lo.

ASPECT RATIO. Relação de proporção entre a largura e a altura do ecrã. O padrão do *widescreen* americano é de 1,85:1. Outrora conhecido apenas no seio da indústria cinematográfica e entre *nerds* dos audiovisuais nos cineclubes dos liceus, este termo tornou-se lugar-comum nas capas dos DVD, assegurando aos potenciais consumidores que a sua versão *DIRECTOR'S CUT* de *Donnie*

Darko não foi cortada para caber no ecrã da televisão. «*Não compres aquela edição do Assalto à 13.^a Esquadra: eles não mantiveram o aspect ratio original!*»

AUBERJONIS, RENÉ. Actor magrinho, por vezes com bigode, especializado num certo tipo de personagem e membro do elenco de Robert Altman no início dos anos 70. Entrou em *MASH* (no papel do Padre Mulcahy original), *Brewster McCloud* e *A Noite Fez-se para Amar*. Este currículo faz com que o seu nome seja ocasionalmente referido nas conversas entre Snobs, que preferem ignorar a fama que Auberjonois adquiriu posteriormente na série televisiva *Benson*, no papel do arrogante chefe oficioso do *staff*, ou em *Star Trek: Deep Space Nine*, no papel do mutante Odo.

AUTOR, TEORIA DO. Doutrina imutável na teoria do cinema que defende que o realizador – e não o argumentista, o produtor ou o actor principal – é o «autor» do filme. François Truffaut foi o primeiro a assumi-la nos *CAHIERS DU CINÉMA* em 1954, ANDREW SARRIS americanizou-a na revista *Film Culture* em 1962 e a implacável PAULINE KAEK ridicularizou-a na *Film Quarterly* em 1963. Segundo a teoria, o estilo próprio do realizador – ou, em linguagem Snob, a sua «personalidade fílmica» – é mais importante do que a qualidade individual de cada um dos seus filmes. Apesar de a discussão sobre a validade desta teoria ter esmorecido há muito, os Snobs continuam a exibi-la em defesa da grandiosidade de quem não a merece, como David Fincher.

GUIA PARA
A NOMENCLATURA SNOB

*Como Identificar Correctamente
Figuras Estimadas do Reino do Cinema
em Conversa com Outros Snobs*

«Jack», e nunca «John», Ford
(o icónico realizador de *westerns*)

«Marty», e nunca «Martin», Scorsese
(o mestre do cinema ítalo-americano)

«Bobby» e nunca «Robert», De Niro
(o barril de pólvora ítalo-americano)

«Mank», e nunca «Herman» nem «Hank», Mankiewicz
(o argumentista de *Citizen Kane*)

«Woody», e nunca «W.S.», Van Dyke II
(realizador dos filmes do *Thin Man*)

«O Imperador», e nunca «Akira Kurosawa»
(o rei dos cinema japonês)

«Il Maestro», e nunca «Federico Fellini»
(o rei do cinema italiano)

«Billy», e nunca «William», Friedkin
(o temperamental realizador de *O Exorcista*)

«Bernie», e nunca «Bernard», Herrmann
(o compositor de bandas sonoras)

«Tony», e nunca «A.O.», Scott
(o crítico de cinema do *New York Times*)

«Terry», e nunca «Terrence», Malick
(o místico realizador)

«Pete», e nunca «Haskell», Wexler
(o venerável director de fotografia)

